

# O ATERRISSAR NA PÓS-GRADUAÇÃO: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE, ENGAJAMENTO PROFISSIONAL, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE PESQUISADORES INICIANTE

ARRIVING AT POSTGRADUATE: IDENTITY  
FORMATION, PROFESSIONAL ENGAGEMENT,  
CHALLENGES AND POSSIBILITIES FOR  
BEGINNING RESEARCHERS

ADMISIÓN DE POSGRADO: CONSTRUCCIÓN  
DE IDENTIDAD, COMPROMISO  
PROFESIONAL, RETOS Y POSIBILIDADES  
PARA INVESTIGADORES PRINCIPIANTES

 10.5935/2177-6644.20230018

Mayara Rabe Camargo \*

 <https://orcid.org/0000-0001-5939-2115>

**Resumo:** O principal objetivo deste estudo é situar o pesquisador iniciante ao âmbito da pós-graduação em educação, considerando a cientificidade como um campo ainda desconhecido para este agente. Para isso, recorre-se à pesquisa bibliográfica, a qual foi realizada na ementa da disciplina de *Pesquisa em Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação I* do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná no ano de 2021. A partir da produção de dados, discorre-se sobre a cientificidade posta à seletividade acadêmica; aborda-se a construção da identidade do pesquisador educacional; a metodologia qualitativa e, por fim, trata-se do engajamento do professor, destaque nas pesquisas educacionais.

**Palavras-Chave:** Pesquisador iniciante. Pesquisa educacional. Metodologia qualitativa. Campo educacional.

**Abstract:** The main point is show the new reseracher in the field master degree studies in education, considering scientificity as an unknown field for this agent. For this, a bibliographical research was carried out based on the syllabus of the Master's in Education course at the Federal University of Paraná, Research in Culture, School and Formative Processes in Education I in 2021. Through her, is addressed the scientificity placed to academic selectivity is addressed. In addition, the construction of the educational researcher's identity is discussed, qualitative instrumentation is discussed and, finally, the teacher's engagement, highlighted in educational research, is discussed.

**Key-words:** Beginner researcher. Educational research. Qualitative methodology. Educational field.

**Resumen:** El objetivo principal de este estudio es situar al investigador novato en el campo de los estudios de posgrado en educación, considerando la cientificidad como un campo desconocido para este agente. Para ello, se utiliza la investigación bibliográfica, que se realizó en el programa de la disciplina de Investigación en Cultura, Escuela y Procesos Formativos en Educación I de la Maestría en Educación de la Universidad Federal de Paraná, en el año 2021. A partir de la producción de datos, se discute el abordaje científico de la selectividad académica; se aborda la construcción de la identidad del investigador educativo; la metodología cualitativa y, finalmente, el compromiso del docente, destacado en la investigación educativa.

**Palabras-clave:** Investigador principiante. Investigacion Educativa. Metodología cualitativa. Campo educativo.

\* Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pedagoga vinculada a Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR).  <http://lattes.cnpq.br/0326124367341080> - E-mail: [mayarauepg@gmail.com](mailto:mayarauepg@gmail.com).

## Introdução

A universidade assume papéis distintos na formação dos acadêmicos, dividindo-os em dois grupos; aqueles que apenas realizam as disciplinas do curso e os que possuem a oportunidade e a proximidade com a pesquisa por meio dos diversos programas e projetos que impulsionam o despertar pelo desejo de fazer ciência. Valle (2013) considera que nem mesmo o fato de os estudantes estarem submetidos às mesmas formalidades administrativas e de assistirem às mesmas aulas, seria capaz de tornar esse espaço acadêmico como um lugar integrado.

Ao se voltar para o graduando dos cursos de licenciatura, conforme aponta Diniz-Pereira (2006), tem-se uma grande parcela de alunos trabalhadores, os quais, para se permitirem cursar a universidade, precisam conciliar a respectiva formação com a vida de trabalho. Bourdieu (2015, p. 85) assevera que “o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica [...]” .

Diante das proposições dos autores, acrescenta-se que faltam alternativas que envolvam os acadêmicos de licenciatura na cientificidade, considerando as limitações de tempo disponível destes. Quando buscam ingressar na pós-graduação se defrontam com uma realidade até então distante e na qual é necessário, a fim de realizar um trabalho com desenvoltura, desprender-se de visões pragmáticas, panfletárias e imediatistas sobre o fazer da ciência.

Posto isso, este estudo toma como preocupação os pesquisadores que ingressam no mestrado acadêmico em Educação, porém não contam com uma base sólida de experiência e conhecimentos prévios sobre o fazer da pesquisa. Desta forma, objetiva-se em situar o pesquisador iniciante ao âmbito da pós-graduação em Educação, considerando a cientificidade como um campo ainda desconhecido para este agente.

Para cumprir o referido objetivo, recorre-se à literatura presente na ementa da disciplina de *Pesquisa em Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação I* do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a *Linha Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação*, no ano de 2021. Amparando-se em Tozoni-Reis (2010), entende-se que esta pesquisa é de cunho bibliográfico, sendo o diálogo entre autores e leituras na busca de dados para a produção do conhecimento pretendido.

## Caminhos metodológicos desta pesquisa

A disciplina obrigatória de *Pesquisa em Cultura, Escola e Processos Formativos em*

*Educação I* do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, sob a Linha *Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação*, é a porta de boas-vindas aos novos pesquisadores admitidos no Programa. Ofertada sempre no primeiro semestre do curso<sup>1</sup>, em 2021 atendeu 20 alunos. Estes, por meio do material bibliográfico disponível na ementa e da mediação dos professores responsáveis, empregaram discussões de grande valia para quem estava aterrissando na pós-graduação e descobrindo o caminho da cientificidade.

Diante desse cenário formativo, entendeu-se que as discussões e seus embasamentos precisavam ser transpostos para além da sala de aula, como uma forma de ambientar os novos pesquisadores e também de encorajar os futuros candidatos que buscam ingressar em programas de pós-graduação em Educação *stricto sensu*. Para isso, recorreu à pesquisa bibliográfica, a qual segundo Tozoni-Reis (2010, p. 17):

Diferentemente do que os pesquisadores iniciantes costumam identificar, a pesquisa bibliográfica não se define por um momento presente em todas as modalidades de pesquisa. Por outro lado, é verdade que em todas as pesquisas, inclusive nas experimentais que não estão muito presentes nas ciências humanas e sociais, o pesquisador precisa buscar na bibliografia especializada conhecimentos científicos e até algumas informações menos sistematizadas que se relacionam ao seu estudo, mas isso não a caracteriza como 'Pesquisa Bibliográfica'.

Entende-se que a pesquisa bibliográfica tem como principal fonte de dados à bibliografia e por mais que todas as modalidades de pesquisa exigem uma revisão bibliográfica do tema a ser explorado, somente a pesquisa bibliográfica tem como campo de produção de dados a própria bibliografia. Nesta modalidade, buscam-se os dados necessários por meio de autores e obras selecionadas. Além disso, nela se pode identificar as mesmas etapas de tratamento de qualquer outra modalidade, a saber; 1) delineamento da pesquisa; 2) revisão bibliográfica; 3) coleta de dados; 4) organização de dados; 5) análise e interpretação dos dados; 6) redação final (TOZONI-REIS, 2010).

Conforme o exposto, após o delineamento da pesquisa, foi feita a revisão bibliográfica do material disponível na ementa da disciplina, buscando identificar quais tratavam da pesquisa em educação voltada para os pesquisadores iniciantes. Após a coleta do material, realizou-se a organização dos dados, a qual está exposta no Quadro 1 a seguir:

**QUADRO 1:** Produções científicas trabalhadas na disciplina de Pesquisa em Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação I direcionadas ao pesquisador iniciante em 2021

Título da produção	Autor	Conteúdo	Ano da publicação
--------------------	-------	----------	-------------------

<sup>1</sup> Possui a carga semestral de 45 horas, valendo 3 créditos obrigatórios.

Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo	Bernadete Gatti	Contexto da Pesquisa Educacional	2001
Para que serve a pesquisa em Educação?	Maria Malta Campos	Contexto da Pesquisa Educacional	2009
O professor e sua formação para a pesquisa	Menga Ludke	Contexto da Pesquisa Educacional/ Pesquisa em Educação	2005
Pesquisa em educação: questões de teoria e de método	Marli André	Contexto da Pesquisa Educacional	2005
A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber	Bernard Charlot	Contexto da Pesquisa Educacional	2006
Metodologia qualitativa de pesquisa	Heloisa Helena de Souza Martins	Pesquisa em Educação	2004
A pesquisa na produção do conhecimento: questões metodológicas	Maria da Glória Marcondes Gohn	Pesquisa em Educação	2005
A pesquisa qualitativa como opção metodológica	Regina Clare Monteiro	Pesquisa em Educação	1991
Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos.	Silvio Ancisar Sanchez Gamboa	Contexto da Pesquisa Educacional/ Pesquisa em Educação	2003
A sociologia dos Estabelecimentos Escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em	Leila de Alvarenga Mafra	Contexto da Pesquisa Educacional	2003

re-construção			
A escola: relato de um processo inacabado de construção	Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell	Contexto da Pesquisa Educacional	1989
Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor.	François Dubet	Pesquisa em Educação	1997
A observação do cotidiano escolar	Maria de Lourdes Rangel Tura	Pesquisa em Educação	2003

*Fonte:* dados organizados pela autora com base na ementa da disciplina de Pesquisa em Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação I do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, 2021.

Identificou-se que as obras trabalhadas não são recentes, pelo contrário, compreendem o final da década de 1980 até a primeira década de 2000. No entanto, possuem a autoria de grandes estudiosos da área, sendo primazia as pesquisas em âmbito nacional, demonstrando a preocupação do Programa e dos professores da disciplina com a formação de novos pesquisadores para o cenário educacional brasileiro. Ademais, entende-se que estudos passados são combustíveis necessários para eclosão de novas pesquisas (MONTEIRO, 1991).

Destaca-se que a ementa da referida disciplina em 2021 estava composta por 21 obras, destas, 13<sup>2</sup> estavam direcionadas ao pesquisador iniciante. Após análise e interpretação desses 13 materiais, elaborou-se as seguintes seções deste estudo: uma cientificidade seleta; construindo a identidade de pesquisador educacional: discussões introdutórias para o aterrissar na pós-graduação; metodologia científica: a abordagem qualitativa na pesquisa educacional; instrumentalização qualitativa: aproximações do pesquisador iniciante com o campo de investigação; por fim, os professores e o engajamento com as pesquisas educacionais.

### **Uma cientificidade seleta**

A pesquisa é uma atividade humana composta por cargas de valores, interesses e concepções que nortearão o pesquisador e o seu olhar para o campo de investigação. Pode-se considerar que o ato de pesquisar se configura como um ato político, ao passo que levanta questionamentos, desprendendo-se da aceitação das respostas supérfluas, neste caso em específico, sobre o campo<sup>3</sup> educacional.

Para início desta discussão, faz-se imprescindível abordar o pesquisador, ingresso de mestrado em educação, como sujeito que está se solidificando na área, podendo estar em processo

<sup>2</sup> Dois capítulos de livros (MAFRA, 2003 e TURA, 2003) e o restante formado por artigos científicos.

<sup>3</sup> A conceituação de campo é entendida a partir da Teoria Sociológica de Pierre Bourdieu, sendo compreendida como espaço social composto por agentes com interesses em comum, que travam estratégias a fim de perpetuar ou instaurar seu poder (BOURDIEU, 2003).

inicial de conhecimento sobre a pesquisa. Reportando-se para a formação inicial deste profissional licenciado, destaca-se o descompasso entre a graduação e a relação estabelecida com a pesquisa (LUDKE, 2005).

Salienta-se que existem programas de iniciação científica, mas se entende que eles não estão incluídos na grade curricular, sendo assim, não serão realizados no período de aula, o que demanda disponibilidade de tempo dos acadêmicos. No entanto, ao se tratar de estudantes trabalhadores dos cursos de licenciatura,<sup>4</sup> sabe-se da dificuldade em participar de eventos científicos. De acordo com Diniz-Pereira (2006), nos cursos de licenciatura está a maior concentração de alunos que precisam gerar a própria renda financeira para se manterem atuantes na sociedade.

Ludke (2005), ao realizar uma pesquisa com 70 professores de 4 escolas públicas do Rio de Janeiro, buscou identificar a relação que os investigados possuíam com a pesquisa. Vários docentes apontaram a escassez de disciplinas específicas sobre a pesquisa no curso de formação, elencaram também a falta de disponibilidade da participação em programas de iniciação científica devido a necessidade de conciliar trabalho e estudos. Destaca-se, por meio da autora, que boa parte dos professores começou a se preocupar com a pesquisa somente depois do ingresso nos programas de pós-graduação, mais especificamente no mestrado e doutorado.

Os entrevistados por Lüdke (2005) que conseguiram participar da iniciação científica durante os anos de graduação, apontaram que a oportunidade concedeu uma maior familiaridade com o campo científico, fazendo com que ambicionassem a carreira profissional na pesquisa. No entanto, a autora supracitada assevera que o programa de iniciação não deve ser a única porta de entrada à pesquisa, devem-se buscar estratégias que estimulem o trabalho científico a todos os acadêmicos.

Ainda na linha de contribuição de Ludke (2005), discorre-se sobre a peneiração dos acadêmicos que recebem oportunidades no campo científico. Isso se deve ao fato de que a pesquisa tem sido conduzida pela iniciativa de alguns docentes da universidade que convidam alguns alunos para fazer parte de seus grupos, monitoria, projetos etc. Normalmente, os alunos, escolhidos a dedo, são os que mostram um desempenho acadêmico elevado, nestas circunstâncias muitos estudantes que gostariam de participar acabam sendo excluídos, resguardando, dessa forma, a

---

<sup>4</sup> Com base nos dados da relação candidato/vaga nos vestibulares dos anos de 2000, na UFMG, a Comissão permanente do vestibular, listou os cursos de maior e menor prestígio, a saber, nove de dez cursos de menor prestígio eram os de licenciatura, além disso, nenhum curso de licenciatura foi listado entre os cursos com maior prestígio. Sobre os estudantes desses cursos: Os alunos mais aprovados nos cursos de maior prestígio eram de escolas privadas e possuíam pais com formação em nível superior. Boa parte dos aprovados nos cursos noturnos de Pedagogia (51,67%) eram egressos da rede pública de ensino e seus pais possuíam escolarização mínima (DINIZ-PEREIRA, 2006).

cientificidade somente aos eleitos.

Sobre isso, Bourdieu e Saint-Martin (2015) revelam a seletividade que pode ser feita pelos professores, quando estes tendem a classificar os alunos conforme suas origens sociais. Nessas circunstâncias, o julgamento professoral passa a estar baseado também em critérios exteriores ao desempenho acadêmico, tais como as características físicas e aparência (corpo socialmente tratado), provenientes do meio social herdado.

Em todo esse processo, as qualidades consideradas como apropriadas pertencem àqueles que são socialmente dominantes, consagrando, desse modo, a maneira de ser e o estado desses indivíduos. Em contrapartida, os agentes dos extratos socioeconômicos mais baixos, são classificados como alunos de ordem inferior, os quais precisam de uma completa reeducação.

Sabe-se que o trabalho de conclusão de curso, tal como a monografia, pode ser um ensaio introdutório à pesquisa, mas se conduzido corretamente. Ludke (2005) considera que dependendo de fatores, tais como orientador, tema e preparação, o trabalho pode se tornar totalmente desagradável, afastando ainda mais o indivíduo da importância de pesquisar. Podendo, dessa maneira, direcionar o acadêmico à seguinte constatação “faço isso apenas para a obtenção de nota e aprovação”, deixando inviabilizado o significado da produção tanto para o pesquisador como para quem da investigação participou.

Diante das ponderações, entende-se que esses alunos, vindos dos extratos sociais menos favorecidos, os quais conseguiram ingressar, com muito esforço, no ensino superior, passam a perceber que ter acesso à universidade não é suficiente para ter êxito nela ou para conseguir uma vida mais digna e socialmente mais reconhecida (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015).

Quando esses agentes se destacam na universidade, pode-se dizer que tiveram que demonstrar um empenho acima da média, muito maior do que o de seus colegas privilegiados. Posteriormente, quando conseguem ingressar em um programa de pós-graduação, precisam continuar demonstrando a mesma desenvoltura, conciliando, na maioria dos casos, a vida de trabalho com as obrigações acadêmicas.

Estes ingressos de pós-graduação fugiram do que Bourdieu (2015) denominou como a interiorização do destino objetivamente determinado, ou seja, probabilidades estatísticas vinculadas à origem social, responsável por considerar, neste caso, a cientificidade como desejo impossível de se concretizar “isso não é para nós”.

Ademais, diante das contribuições expostas até aqui, entende-se que o espaço da pós-graduação pode não ser receptivo para esses novatos, dessa forma, este trabalho transcorre

sobre temas essenciais para o início da carreira do pesquisador, a fim de que o mesmo não caia em visões panfletárias e imediatistas sobre o fazer da pesquisa.

### **Construindo a identidade de pesquisador educacional: discussões introdutórias para o aterrisar na pós-graduação**

A pesquisa tratada de forma simplista, a partir de recortes de uma visão academicista e (ou) superficial que qualquer pessoa poderia constatar a mesma situação e propor a mesma solução, gera o empobrecimento tanto da empiria como da teoria (GATTI, 2001). Charlot (2006, p. 10) ao tecer suas contribuições à pesquisa educacional, salienta “[...] pois, na realidade, são necessários cerca de seis meses de trabalho sobre uma dada problemática para se definir uma questão de pesquisa”.

Na mesma linha de pensamento, Gohn (2005) reitera que fazer ciência no campo das humanidades é uma tarefa constante, pois não se está trabalhando com elementos estáticos, sendo assim, não basta pesquisar um fenômeno hoje e acreditar que transpor para os mesmos acontecimentos daqui a algum tempo trará resultados significativos.

A autora destaca como ponto crucial da pesquisa, buscar o que já foi aprofundado e investigado a respeito do tema, quem realizou as produções, a partir de qual perspectiva teórica e questionamentos. Considera-se que a leitura e a exploração da temática são essenciais para construção de novos conhecimentos, pois não se desbrava novos caminhos sem antes denominar os antigos.

Sobre os aportes teóricos, Gatti (2001) adverte que existem certos modismos no campo científico que precisam ser evitados, a saber, a utilização de correntes teóricas, em que o pesquisador busca que seu objeto de investigação se encaixe forçadamente na concepção de determinada teoria de impacto, na esperança de tornar seu trabalho mais relevante e popular.

Subentende-se, também, que uma única teoria não é capaz de responder a todas as questões de uma realidade distinta de seu cenário de elaboração, além do mais, a mesma não deve ser tratada como absoluta, pois, ao torná-la, concebe-se uma doutrina.

O pesquisador da educação deve compreender que existem limites em todas as áreas, de tal modo que nenhuma teoria trará receitas prontas e aplicáveis para todas as problemáticas, entende-se que a mesma pode balizar o caminho, mas não define o resultado, principalmente considerando a constante movimentação das ciências humanas (ANDRÉ, 2005).

Com relação ao emprego da metodologia, destaca-se que o movimento dos fenômenos será decisório na escolha dos instrumentos metodológicos utilizados pelo pesquisador. Tratando, especificamente, da produção e análise de dados, considerando que a pesquisa será disseminada e

deverá prestar devolutiva ao campo de investigação, elucida-se a necessidade do cuidado minucioso do pesquisador com as interpretações feitas a partir das análises, pois podem descortinar situações, práticas e problemas que até então não eram perceptíveis aos investigados ou estavam mascarados.

Charlot (2006) destaca que se deve possuir cautela e controle sobre o que irá revelar, pois ao se tratar das pesquisas educacionais, grande parte delas realizadas no chão da escola, precisa-se olhar para o professor real, o qual não compete com a figura de um santo ou de um militante. Percebe-se, então, a necessidade de se distanciar dos discursos espontâneos representados pelos achismos, evitando que se caia em uma conversa de botequim sobre a educação. Conforme as contribuições do autor, ninguém possui mais propriedade para discutir sua sala de aula do que o professor que passa seus dias nela.

A situação 'normal' – se podemos dizer dessa forma – do professor brasileiro é trabalhar em uma escola pela manhã e em outra à tarde, receber salários muito baixos e, com frequência, mesmo havendo exceções, ter feito o vestibular para pedagogia porque era o mais fácil em determinada universidade. É essa a condição real do professor no Brasil, e, se queremos mudar a educação no Brasil, é preciso sempre pensar nesse profissional real [...] (CHARLOT, 2006, p. 11).

Sobre isso, discorre-se à experiência vivida por Dubet (1997) no ano que lecionou aula de geografia e de história em um colégio de periferia de Bordeaux na França. Segundo este sociólogo, os professores apontavam negativamente as vivências com os alunos. Para o pesquisador o posicionamento parecia estar regado de certo exagero, o que o fez investigar a afirmativa recorrente. A partir da experiência que teve em lecionar, Dubet (1997, p. 225) descreve que “[...] quando funciona, a gente fica contente; quando não funciona, a gente se desespera. Eu vivi muito dificilmente este ano, aliás, no Natal queria parar”.

Considerando as ponderações de Dubet (1997), aos pesquisadores que estão no início de uma longa caminhada, o fazer da pesquisa deve consistir na exploração do senso comum, principalmente na superação dele, pois se está tratando da produção do conhecimento científico. O trabalho deve estar objetivado em capturar elementos formadores do problema de investigação. Todavia, é preciso compreender que mesmo engajado na realização da investigação, o pesquisador não possibilitará mudanças imediatas ao campo educacional e nem mesmo na prática desenvolvida pelo professor.

O conhecimento oriundo das reflexões e pesquisas na academia socializa-se não de imediato, mas, em uma temporalidade histórica, essa história construída nas relações sociais concretas seleciona aspectos dessa produção no seu processo peculiar de disseminação e apropriação. Exemplo disso foi o impacto dos estudos sobre fracasso escolar e qualidade do ensino nas políticas dos anos 90, com base em pesquisas e discussões do final dos anos 70 e 80 (GATTI, 2001, p. 78).

Recorre-se, também, que a disseminação depende dos jogos de força dentro e fora do campo educacional e científico. Campos (2009) esclarece que nem tudo depende do pesquisador, pois as questões mais amplas, como valores e projetos de nação, recaem diretamente sobre a escola e não serão resolvidas facilmente, pois envolvem contradições, conflitos e lutas.

Entretanto, essa constatação não anula a ética e a coerência que devem permear o trabalho realizado pelo pesquisador. André (2005) afirma que uma boa pesquisa científica é composta por objetivos bem definidos, claramente formulados e articulados à metodologia com seus procedimentos suficientemente justificados e explicados. Em relação à análise de dados, deve apresentar densidade, fundamentação para as afirmativas e conclusões. Entende-se que a produção precisa trazer avanços, ou seja, o que de novo acrescenta à ciência.

### **Metodologia Científica: a abordagem qualitativa na pesquisa educacional**

Ao tratar da pesquisa é fundamental o debate sobre a metodologia a ser empregada que certificará o trabalho, sua relevância e coerência. Ao se voltar para as produções no campo das humanidades, identifica-se a prevalência das abordagens qualitativas, pois entende-se a necessidade da aproximação do pesquisador com o campo de investigação (MAFRA, 2003; GAMBOA, 2003; MARTINS, 2004)

Destaca-se que a abordagem qualitativa surgiu dos questionamentos levantados sobre a rigurosidade e distanciamento do quantitativismo do cenário investigativo<sup>5</sup>. As pesquisas quantitativas representam o fazer ciência a partir do matematizar sujeitos, sociedade e relações sociais, o que não inviabiliza suas contribuições em relação à metodologia qualitativa, mas não estavam sendo suficientes para responder às problemáticas escolares.

Tratando do quantitativismo à necessidade de uma abordagem mais próxima do campo investigativo, faz-se importante citar as contribuições de Mafra (2003), autora que se propôs a fazer um balanço das pesquisas sobre os estabelecimentos escolares. A pesquisadora pontua os diferentes direcionamentos paradigmáticos e metodológicos dos estudos entre os anos de 1960 e 1970, destacando os empasses teórico-metodológicos e a crise da hegemonia do campo das Ciências da Educação.

Mafra (2003) ainda chama a atenção para os problemas que envolviam a produção de dados, principalmente pela instrumentalização quantitativa dos *surveys*, a saber, entrevistas fechadas e com

---

<sup>5</sup> Gamboa (2003) atualizando o debate sobre a metodologia de pesquisa, enfatiza que o trato positivista contribuiu para uma abordagem metodológica do conhecimento pautada na objetividade dos fenômenos humanos e sociais, reduzindo os campos e sujeitos de investigação a “coisas”.

variáveis limitadas, as quais, muitas das vezes, não condizem com as necessidades reais de investigação sobre os estabelecimentos escolares, tornando-se, dessa forma, irrelevantes.

No entanto, a partir dos anos de 1980, o campo científico ganha novos impulsores, pois houve o crescimento das abordagens etnográficas e etnológicas, as quais estavam voltadas para vivências experienciais e às percepções dos indivíduos. Contrapondo-se à insuficiência dos dados quantitativos, conseguiram viabilizar a importância dos estabelecimentos de ensino (MAFRA, 2003).

Frisa-se que, no entanto, não se está buscando realizar um dualismo entre a pesquisa de quantidade e a de qualidade, assim fosse, o debate metodológico, erroneamente, seria reduzido somente à utilização das técnicas. Salienta-se que o empobrecimento científico pode contribuir para o encurtamento da possibilidade de gerar novos conhecimentos devido às amarras de aplicabilidade (GAMBOA, 2003).

[...] a qualidade da pesquisa depende mais da lógica das articulações das formas de abordar os problemas, dos processos da elaboração das respostas para esses problemas, das formas de compreender a ciência e a produção do conhecimento, que das escolhas técnicas (GAMBOA, 2003, p.403).

Trata-se da formação epistemológica dos pesquisadores para que saibam ponderar e identificar as relações entre às técnicas, os métodos, teorias e epistemologias. Na compreensão do problema de pesquisa e da análise, deve-se ter articulado os procedimentos, estando claros e bem formulados, além disso, devem estar em sintonia com a proposta da investigação e com os objetivos. Percebe-se que o trabalho não está à serviço da técnica, mas se concretiza a partir da articulação de toda a conjuntura (GAMBOA, 2003).

O debate sobre a metodologia qualitativa é extenso, caracterizada pela análise de microprocessos de estudo de grupos ou de indivíduos, ela permite ao pesquisador uma maior familiaridade com o tema pesquisado, para tanto, cautelas devem ser tomadas, como evitar a generalização dos resultados obtidos. Este último apontamento pode resultar na falta de rigorosidade da investigação, pois entende-se que respostas obtidas em uma realidade parcelada não respondem ao mesmo problema quando este está manifestado em diferentes campos.

### **Instrumentalização qualitativa: aproximações do pesquisador iniciante com o campo de investigação**

O pesquisador ao coordenar a investigação, selecionará e interpretará o conjunto de fenômenos observados, é fundamental que esteja amparado por um planejamento sistematizado capaz de direcionar o seu olhar aos fatores relevantes para a pesquisa, para isso é essencial a

utilização de técnicas que estejam de acordo com a proposta da investigação. Todavia, a técnica não deve ser interpretada como o direcionamento da problemática da pesquisa, ocupando papel de protagonista, pelo contrário, deve contribuir para o desvelamento do problema.

Discorre-se sobre a técnica de observação, pois ela ocupa espaço privilegiado nas pesquisas qualitativas educacionais, sendo entendida como o envolvimento direto do observador com o campo de investigação. Como técnica, não permite apenas o acúmulo de dados, mas possibilita o descortinar de novas direções para a pesquisa. No contexto de observar, pode surgir a necessidade de se realizar vários outros procedimentos de pesquisa, tais como os questionários, entrevistas, discussões em grupo, coleta de documentos etc. (TURA, 2003).

A observação consiste na vigilância permanente, extrapolando o próprio limite da atenção, buscando enxergar minimamente os detalhes que compõem o objeto de estudo e seu contexto. Sabe-se que é impossível captar todas as movimentações do espaço social de análise, mas deve-se buscar sempre estar atento, alargando os limites de seleção.

Ainda sobre a observação, Ezpeleta & Rockwell (1989, p. 136) asseveram “[...] aqui começa a investida das expectativas: espera-se uma certa ordem, uma certa disciplina, alguma regularidade nas ações. Estabelecem-se parâmetros, os mais variados, para identificar, num diagnóstico rápido, o bom professor, o aluno terrível.” As autoras entendem que esse percurso de significação imediata, pode levar ao fracasso da investigação.

Há de se considerar que a instrumentalização observativa é violenta, pois invade o espaço do outro. Neste sentido, cabe ao pesquisador adotar uma linguagem e postura adequada para se comunicar com os agentes escolares. Subentende-se que a presença de um desconhecido gera tensão naquele que está sendo observado, podendo desencadear uma postura e comportamento criados apenas para o agrado do observador, nesse contexto, o pesquisador deve tomar cuidado para não ser levado pelas impressões iniciais (TURA, 2003).

Monteiro (1991) destaca que a observação precisa estar pautada no detalhamento de dados, sendo assim, quanto mais informações forem capturadas, mais explícito ficará o problema e a compreensão dele. O principal auxílio do pesquisador na observação pode ser o diário de campo com anotações completas e precisas incluindo suas incertezas, indagações e perplexidades, o ato de anotar contribui para que as informações cruciais não acabem sendo esquecidas ou percam o sentido. No entanto, nas escritas do diário é fundamental não se conter as descrições superficiais, deixando escapar a intencionalidade das relações humanas e os códigos sociais estabelecidos.

Outra técnica de produção de dados que recebe destaque nas pesquisas educacionais

qualitativas é a entrevista, assim como as outras instrumentalizações, ela precisa possuir direção, estar diretamente articulada com os objetivos e problemáticas da pesquisa e conter perguntas que estejam em consonância com as vertentes teóricas adotadas no trabalho.

Diante do exposto, o pesquisador deve evitar questões soltas e sem sentido, incapazes de prender a atenção de quem responde e de quem ouve, não possibilitando o exercício de reflexão. Bourdieu (2001, p. 696) assevera que “algumas vezes é surpreendente que os pesquisados possam ter tanta boa vontade e complacência para responder a perguntas tão absurdas, arbitrárias ou deslocadas como tantas daquelas que lhe são frequentemente administradas”.

Monteiro (1991) destaca que, se bem empregada, a entrevista pode trazer um grande salto qualitativo para o desenvolvimento da pesquisa. No entanto, o entrevistador precisa saber aceitar as respostas concedidas pelo entrevistado, respeitando as concepções e argumentos trazidos, pois fazem parte da sua história de vida. Considera-se que sob pressão e olhares de julgamento ninguém expressará seu verdadeiro eu.

Ademais, atenção aos sinais não verbais, os quais podem contribuir para a validação de informações ditas. Ao pesquisador cabe participar de todo esse processo da entrevista, mas sem se distanciar do objetivo da pesquisa e evitando direcionar as respostas dos entrevistados com exemplos de respostas que seriam adequadas em seu ponto de vista. Sobre isso, Bourdieu (2001, p. 695, *grifo nosso*) reitera:

É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, **que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras.**

Continuando, Bourdieu (2001) enfatiza que a dissimetria é redobrada quando o pesquisador adota uma posição superior ao do pesquisado, utilizando do domínio que exerce sobre a linguística para estabelecer uma relação hierarquizada, o que pode contemplar não tão somente a entrevista, mas a própria observação e demais técnicas.

Reitera-se que a entrada do pesquisador na escola nem sempre é bem aceita, por ser entendida como prática avaliativa sem contribuições à realidade encontrada. Tendo por base esta constatação, faz-se imprescindível que o pesquisador não force uma transposição direta e coercitiva do que propõe.

Pesquisadores precisam compreender que estão produzindo ciência principalmente para os agentes que formam a escola, não estando em lados opostos ou buscando elencar falhas no processo

de ensinar do professor, pelo contrário. Ao se tratar da educação não se pode cair no individualismo das práticas, mas proferir exemplos construtivos capazes de estreitar a relação entre pesquisa e ensino, seria este um caminho profícuo entre a universidade e a escola.

### **Os professores e o engajamento com as pesquisas educacionais**

Nesta seção, trata-se do professor como agente que recebe destaque nas pesquisas educacionais dos pós-graduandos. Entende-se que aproximar a pesquisa do professor é também abrir caminho para a relação entre escola e universidade, tendo em vista que a partir do momento que o professor compreende o papel da pesquisa, torna-se mais receptível ao pesquisador e colaborativo com o desenvolvimento da investigação.

Uma vez que a pesquisa é o exercício de descobrir e produzir conhecimento, pode-se compreendê-la como inseparável da prática pedagógica exercida pelo educador. Além disso, a partir dela, o docente tem a oportunidade de plantar a semente constante do questionamento em seus alunos.

Entretanto, considerando o pouco espaço que a pesquisa possui nos cursos de licenciaturas, entende-se a dificuldade da relação de aproximação e pertencimento dos professores com esta área fundamental do conhecimento. Como já se mencionou no decorrer deste trabalho, poucos são os alunos de licenciatura que possuem disponibilidade de tempo para a realização da iniciação científica:

[...] algumas características dos professores que estão associadas a um maior interesse e receptividade em relação aos resultados de pesquisa. Por exemplo, os professores que ganharam alguma familiaridade com a pesquisa durante sua formação inicial, que contam com mais alta escolaridade e também aqueles com maior tempo de experiência docente, estão mais abertos para conhecer a produção acadêmica sobre educação (CAMPOS, 2009, p. 277).

Reflete-se que, desde o início de sua formação, muitos docentes não se enxergam relacionados com a pesquisa, o que influenciará diretamente na visão sobre a importância e a relevância da mesma. Não são poucas as vezes que professores se absterem ou ausentam-se da participação e colaboração nas investigações, seja porque não a consideram importante ao desenvolvimento reflexivo de suas práticas, seja porque sentem-se julgados pelos pesquisadores.

Sobre isso, recorre-se novamente a Dubet (1997) e as duas motivações que o fizeram se tornar professor por um ano: a primeira estava relacionada com o exagero, que acredita vir dos professores em relação às dificuldades de exercer a prática pedagógica; a segunda, sobre uma intervenção que realizou com um grupo de professores e duas professoras apresentaram resistência

à exposição. Dubet chegou a receber uma carta de uma das docentes que criticava sua imagem intelectual de quem nunca lecionou, tendo, desse modo, uma visão abstrata da escola. Diante dos ocorridos, o pesquisador decidiu vivenciar a docência que tanto pesquisava:

Assumi uma classe de cinquième, 2º ginásial (que começa após os cinco anos de escola elementar), com crianças de 13/14 anos, em um colégio popular, bastante difícil em que o nível dos alunos é baixo e dei aulas durante um ano. Portanto, da volta às aulas em setembro até o mês de junho, quatro horas por semana, ao lado de minhas atividades de acadêmico, de chefe de departamento, me esforcei para ser um professor razoável (DUBET, 1997, p. 223).

O autor continua, afirma que os alunos o testaram assim que começou, riam, conversavam, como se ele não estivesse em sala:

Um aluno, um menino que estava no fundo da sala, fazia tanto barulho que eu pedi para ele vir se sentar na frente. Ele se recusou. Fui buscá-lo, o levantei e o trouxe para frente. Ele gritava: 'Ele vai quebrar meu ombro!' Bom, finalmente, depois de dez minutos, houve um contato [...] fiquei muito contente que o menino tivesse 13 anos, pois se tivesse pego uma classe de troisième (3º ginásial) e que o menino tivesse 1,80 m e pesasse 75 quilos, eu estaria com problemas (DUBET, 1997, p. 223).

A partir das experiências desafiadoras que teve em sala, Dubet (1997) afirma que os relatos dos professores, inicialmente compreendidos como exageros, coincidiram com a realidade escolar vivenciada por ele ao longo de um ano.

As contribuições do autor foram trazidas a fim de elucidar que a pesquisa precisa estar articulada à escola e ao que realmente nela acontece, aproximando pesquisador e professor, encerrando a visão hierarquizada que compõem essa relação. O professor irá se engajar com a pesquisa quando sentir que faz parte dela, quando identificar que a escola real está sendo tratada nas produções e não somente críticas e julgamentos ao trabalho exercido por ele, propondo um professor perfeito em uma sala de aula perfeita e com seus alunos perfeitos.

### **Considerações finais**

O objetivo delineado para este estudo, a saber, situar o pesquisador iniciante ao âmbito da pós-graduação em Educação, considerando a cientificidade como um campo ainda desconhecido para este agente, foi cumprido por meio da pesquisa bibliográfica realizada sobre a ementa da disciplina de *Pesquisa em Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação I* do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, sob a Linha *Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação*.

Ficou eloquente que ao pesquisador iniciante há uma longa caminhada a ser percorrida, se este buscar realizar trabalhos engajados na relevância científica e social, capazes de evidenciar

contribuições ao conhecimento já existente por meio de uma análise de dados fundamentada e densa.

André (2005) faz uma indagação muito pertinente a este estudo “seria possível formar um pesquisador no pouco tempo do mestrado?” como já se foi explanado, falta uma base sólida de formação sobre a pesquisa nos cursos de licenciatura. Havendo, melhores e maiores oportunidades para a integralidade do grupo de acadêmicos, pode-se arriscar dizer que o mestrado seria mais proveitoso.

Quando os pesquisadores iniciantes adentram o mestrado, não possuindo vivência e intimidade com a produção científica, podem apresentar inseguranças, estando preocupados com o emprego das técnicas mais do que com o próprio problema e campo de investigação. Situação esta que acaba minimizando questões do percurso que seriam extremamente relevantes para o desdobramento da pesquisa e para a formação da identidade do pesquisador. Entende-se que os anseios existem, todavia, precisam estar no processo por compreender como o problema de investigação se manifesta.

Ao pesquisador que, ao adentrar o mestrado, não possui uma bagagem na cientificidade, recomenda-se o envolvimento em grupos de pesquisa, pois podem trazer contribuições significativas na consolidação das temáticas de investigação, ajudando a direcionar suas intenções, reduzindo a fragmentação e o individualismo da produção científica, principalmente no curso espaço de tempo do curso (ANDRÉ, 2005).

Em linhas finais, acrescenta-se que assim como o pesquisador iniciante precisa desprender-se da visão de procurar no professor e nos demais agentes que investigará a figura de um santo ou de um militante, ele deve compreender que a investigação por ele realizada não trará soluções que reestruturaram imediatamente a escola e seus agentes. Um grande passo inicial é começar a fazer a diferença pelas próprias concepções e ações.

## Referências

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: questões de teoria e de método. **Educação Tecnológica**, v. 10, n. 1, 2005, p. 29-35.

BOURDIEU, P. **A Miséria do mundo**. 4ª Ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. *In*: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 119-126.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. *In*: CATANI, A; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.).

**Escritos de Educação.** 16ª Ed. - Petrópolis: Vozes, 2015, p. 81-88.

BOURDIEU, P; SAINT-MARTIN, M. As categorias do juízo professoral. *In*: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. M. (Orgs.). **Escritos de Educação.** 16ª Ed. - Petrópolis: Vozes, 2015, p. 205-241.

BOURDIEU, P; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. *In*: CATANI, A; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). **Escritos de Educação.** 16ª Ed. - Petrópolis: Vozes, 2015, p. 244- 255.

CAMPOS, M. M. Para que serve a pesquisa em Educação? **Cad. de Pesquisa**, v. 39, n. 136, 2009, p. 269-283.

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, 2006, p. 8-18.

DUBET, F. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, 1997, p. 222-231.

EZPELETA, J; ROCKWELL, E. A escola: relato de um processo inacabado de construção. *In*: EZPELETA, J; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante.** 2ª Ed. - São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989, p. 9-30.

GAMBOA, S. A. S. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. **Contrapontos**, n. 3, 2003, p. 393-405.

GATTI. B. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, n.1, v. 13, 2001, p. 65-81.

GOHN, M.G.M. A pesquisa na produção do conhecimento: questões metodológicas. **Eccos – Revista Científica**, v. 7, n. 2, 2005, p. 253-274.

LUDKE, M. O professor e sua formação para a pesquisa. **EccoS – Revista Científica**, v.7, n. 2, 2005, p. 33-349.

MACHADO, Daiane Vaz. Delatando Segredos: a análise bourdieusiana do campo acadêmico. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 04, n. 01, 2013, p. 99-102.

MAFRA, L. A. A sociologia dos Estabelecimentos Escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em reconstrução. *In*: ZAGO, N; CARVALHO, M. P; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 109-136.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, 2004, p. 289-300.

MONTEIRO, R. C. A pesquisa qualitativa como opção metodológica. **Pro-prosições**, n. 5, 1991, p. 27-35.

NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C. C. C. de. **Vocabulário Bourdieu.** Belo

Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TURA, M. L. R. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, N; CARVALHO, M. P; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.183-206.

TOZONI-REIS, M. F. de C. A Pesquisa e a Produção de Conhecimentos. **Caderno de Formação: Formação de Professores, Educação, Cultura e Desenvolvimento**. São Paulo, 2010, p. 1-38.

VALLE, I. R. O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Diálogo Educ**, v. 13, n. 38, 2013, p. 411-437.

*Recebido em: 04 de março de 2023.*

*Aprovado em: 27 de abril de 2023.*